

O POEMA PARA ALÉM DO VERSO: UMA PERSPECTIVA VERBIVOCOVISUAL NO POEMA “NOME” DE ARNALDO ANTUNES

THE POEM BEYOND THE VERSE: ONE VERBIVOCOVISUAL PERSPECTIVE IN THE POEM “NAME” BY ARNALDO ANTUNES

Flávio Prates Cruz 1

Resumo: Durante muito tempo o verso foi um traço distintivo que nos permitia reconhecer de imediato um texto poético, mesmo mantendo a escrita tradicional ainda sim se torna visível uma grande demanda pela oralidade na poesia. Os experimentalismos performáticos foram propostos desde o século XX por vários movimentos de vanguarda, no entanto foram apenas com a ampliação da tecnologia, mídias audiovisuais e sonoras, que as inovações da poesia concreta se enriqueceram. A partir desses aspectos expostos acima o presente artigo propõe um estudo do poema Nome de Arnaldo Antunes, na perspectiva verbivocovisual, em busca de entender quais as principais críticas apontadas pelo autor/performer/compositor nesse poema. Análises em curso apontam que os novos experimentalismos performáticos contemporâneos estão ganhando espaço e público pela sua originalidade tanto na literatura quanto na música. Para tanto realizaremos uma análise do poema NOME de Arnaldo Antunes lançado em livro, disco e home-vídeo, buscando identificar o que ele propõe em sua obra com essa experiência verbivocovisual. Para sustentar essa pesquisa nos apoiamos em Philadelfo Menezes que traça a trajetória da poesia visual, Gonçalo Aguilar, Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que fazem um percurso e uma cronologia do movimento de poesia concreta no Brasil, dentre outros. **Palavras-Chave:** Arnaldo Antunes. Poema visual. Nome. Poesia.

Abstract: For a long time the verse was a distinguishing feature that allowed us to immediately recognize a poetic text, even keeping the traditional writing it still becomes visible a great demand for orality in poetry. The performative experimentalisms have been proposed since the twentieth century by several avant-garde movements, but it was only with the expansion of technology, audio-visual and sound media, that the innovations of concrete poetry became enriched. From these aspects exposed above, the present article proposes a study of the poem Name of Arnaldo Antunes, in the verbivocovisual perspective, searching to understand the main criticisms pointed out by the author/performer/composer in this poem. Current analyzes point out that the new contemporary performative experimentalisms are gaining space and public by their originality in both literature and music. To do so, we will perform an analysis of the poem NAME by Arnaldo Antunes, published in book, disc and home-video, seeking to identify what he proposes in his work with this verbivocovisual experience. To support this research, we rely on Philadelfo Menezes who traces the trajectory of visual poetry, Gonçalo Aguilar, Augusto and Haroldo de Campos and Décio Pignatari, who develop a journey and a chronology of the concrete poetry movement in Brazil, among others. **Keywords:** Arnaldo Antunes. Visual poem. Name. Poetry.

Introdução

Quando se fala em poesia, a primeira estrutura que nos vem à cabeça é o verso como menor unidade do poema. Tanto as vanguardas históricas quanto a poesia concreta brasileira vão trabalhar no sentido de quebrar, rasurar, problematizar o verso como essa unidade mínima.

Os poemas visuais/sonoros da contemporaneidade também propõem essa problematização do verso através espacialização, oralização, performance da palavra como signo linguístico, com um objetivo de estabelecer um vínculo ainda mais forte com o leitor, fazendo-o manter uma relação mais íntima com a poesia. É o que se pode observar nas produções de Arnaldo Antunes que embora não se declare de nenhuma corrente artística nota-se que em suas produções poéticas prevalecem algumas características movimento vanguardista concreto. Arnaldo é hoje um dos grandes nomes de referência das artes contemporâneas, por se utilizar as várias mídias para ressignificar sua poesia e dar ao leitor a oportunidade de ter inúmeras percepções da mesma. O presente artigo parte desse ponto para realizar uma análise do poema NOME de Arnaldo Antunes lançado em livro, disco e home-vídeo, onde o autor/performer/compositor traz uma crítica acerca do lugar do “homem” na sociedade. Para tanto se faz necessário traçar um estudo acerca do último movimento vanguardista “o concretismo,” e assim chegarmos até a poesia contemporânea de Arnaldo Antunes, a fim de observar quais são as críticas trazidas por ele nos diferentes formatos e quais são os processos utilizados por ele no poema.

O termo vanguarda tem origem militar e nomeia a primeira fileira de soldados num ataque. A partir do começo do século XX o termo passou a ser usado no campo artístico para nomear artistas que desenvolviam uma pesquisa, entendida como, original. Em movimentos como Cubismo e o Futurismo, a palavra vanguarda passou a se referir a comportamentos estéticos e práticas de artistas que renunciavam o passado e a tradição e tentavam com sua arte inventar um novo homem e um novo mundo.

Aguilar (2005) nos permite delinear um significado da palavra vanguarda que leva em conta o contexto do ambiente literário: “toda vanguarda é relacional e é preciso localizá-la historicamente para compreender suas características”. Para ele, [...] as vanguardas se definiam pelo fato de questionarem as obras de artes, e os questionamentos variavam de acordo com os movimentos.

No caso brasileiro o concretismo se firmava como vanguarda porque acreditava que a poesia visual representava um modelo da poesia futura e tinha uma pretensão de mudar a forma como se construía a poesia.

A vanguarda no Brasil: poesia concreta

A poesia concreta teve ascensão a partir da década de 50, em um momento em que a cultura Brasileira se encontrava em um processo de florescimento e a política em um momento de grande fervor, período em que o país saía da ditadura de Getúlio Vargas e estava entrando no processo democrático, que mais tarde foi interrompido pelo golpe militar em 1964.

O concretismo se inicia com o manifesto da arte concreta escrito por Van Doesburg, em 1930 que mais tarde será introduzido no Brasil por Waldemar Cordeiro na passagem da década de 40 para 50. No entanto o concretismo só se firma no Brasil a partir de 1956 - que é considerado o ano chave, pois trata-se do ano em que Décio Pignatari retorna de uma viagem à Europa onde estabeleceu importante contato com o poeta suíço Eugen Gomringer -.

O grupo criado pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari se reúne em torno de ideias experimentais, na qual saíam de uma estética literária para a estética totalmente comunicativa, formando o grupo denominado Noigandres e uma revista com o mesmo nome, onde publicariam seus artigos. Em 1956 o grupo se junta a Ferreira Gullar e realizam a Exposição Nacional da Arte Concreta. No mesmo ano em dezembro lançam a terceira versão da Noigandres, já com nome poesia concreta. O grupo buscava quebrar os tradicionalismos na linguagem, trazendo a tona o método ideográfico com uma poesia mais emergente. Segundo Ítalo Marconi (2002; 113-114)

Foi uma revolução linguística e tanto, que prosseguiu depois dentro da universidade, com ondas semióticas, estruturalista e pós-estruturalista. O poema não é poema, decretaram Augusto, Haroldo e Décio, no auge do proselitismo concretista.

O poema deve ser não-poema, disseram. O poema deve ser objeto "verbivocovisual". (MARCONI, 2002, p. 113-114)

O termo surge com a proposta de James Joyce (poeta irlandês que criou o conceito) como uma composição que abarca os níveis semânticos, visuais e sonoros, no nível semântico dá-se pelo significado verbal, o sonoro se apresenta pelo aspecto fônico da palavra, uma mudança quantitativa do fenômeno aliterativo que reorganiza a sintaxe por uma cadeia de sons, faz-se necessário lembrar que o som e a visualidade participam como matrizes geradoras da linguagem.

Philadelfo Menezes em *Poética e Visualidade* (1991) caracteriza esse momento:

Após esta fase de explosão dos rígidos esquemas de construção do verso, esfacelou-se o próprio verso enquanto unidade linear da leitura, condutora do olho. As palavras espalham-se pela página sem a linearidade visual do verso (mesmo o verso livre), dando uma configuração gráfica que a poesia anterior não continha. Esta fase, que se encontra em *O Lance de dados*, de Mallarmé, seu distante e isolado iniciador, é representada pelos poemas do futurismo, o Dadá e mesmo do surrealismo, chegando ao Brasil no início da década de 50. É o que denominaremos "poesia especializada", por sua conformação de palavras ocupando o espaço da página, mas mantendo, em regra a sintaxe verbal inalterada. Neste momento, surge a poesia concreta detectando a crise do verso e tentando reordenar o caos gráfico do esfacelamento da linearidade. Para tanto, o concretismo abre o período de implosão do sistema poético verbal ao resolver o problema da espacialização dirigindo-se ao centro da verbalidade, com a ruptura da sintaxe verbal reaglutinando as palavras pela similaridade sonora e na ocupação racional no espaço da página. (MENEZES, 199, p, 12-13)

Por mais de uma década os concretistas ainda mantiveram características modernistas, propondo uma dimensão verbivocovisual introduzindo novos experimentalismos com processos de imbricação dinâmica entre as representações visual e sonora, assim como afirma Augusto de Campos (2002) apud Claudia Neiva Matos:

[...] venho afirmando reiteradamente que as propostas poéticas das vanguardas do século 20 estão sendo repotencializadas pelos avanços tecnológicos das últimas décadas. [...] a linguagem digital é extremamente propícia aos procedimentos intersemióticos, onde o verbal e o não verbal se articulam e comutam com grande flexibilidade e rapidez, o que vem ao encontro dos projetos "verbivocovisuais" preconizados pela poesia concreta. (CAMPUS apud MATOS, 2006)

Os procedimentos concretistas se difundiram na corrente sanguínea da poesia contemporânea brasileira, principalmente a partir aproximação do concretismo com o tropicalismo, um exemplo desse legado concretista é o trabalho de Arnaldo Antunes.

Sobre Arnaldo Antunes

Arnaldo Antunes é considerado um dos principais nomes das artes brasileiras atuando na música popular, poesia, artes visuais e performances. Embora não se declare de nenhum movimento artístico, percebe-se que em suas produções poéticas mantem-se uma herança dos aspectos experimentais do concretismo fazendo uma distribuição icônica das palavras. Arnaldo Antunes nasceu em São Paulo em 1960 e ainda jovem ingressa nos estudos de Letras pela USP, no entanto desistiu do curso para entrar na banda de Rock Titãs com o qual gravou 7 discos .

Entre seus trabalhos destacam-se; *Ou e* (livro 1983); *Psia* (Livro-1986), *Tudos* (Livro, 1990)

As Coisas (Livro, 1992); *Ninguém* (Disco, 1995); *O Silêncio* (Disco, 1996) *2 ou + Corpos no Mesmo Espaço* (Livro, 1997); *Um Som* (Disco, 1998); *O Corpo* (Disco, 2000); *40 Escritos* (ensaios-2000); *Paradeiro* (Disco, 2001); *Outro* (Livro, 2001) *Palavra Desordem* (Livro-2002); *Tribalistas* (Disco, 2002 em parceria com Marisa Monte e Carlinhos Brown); *ET Eu Tu* (foto-livro, 2003 em parceria com Marcia Chavier); *Saiba* (Disco, 2004); *Qualquer* (Disco, 2006); *Iê Iê Iê* (Disco, 2009); *Frases do Tomé aos Três Anos* (livro, 2006); *Como É que Chama o Nome Disso* (Livro, 2006); *Pequeno Cidadão* (Disco, 2009); *Melhores Poemas* (Livro, 2010); *n.d.a.* (Livro, 2010); *Animais* (livro, 2011), *Especial MTV - A Curva da Cintura* (2011 em parceria com Edgard Scandurra e Toumani Diabaté) *Disco* (disco 2013); *Outros 40* (Ensaio, 2014); *Agora aqui ninguém precisa de si* (Livro, 2015); *Já É* (Disco, 2015); e *Nome* lançado como disco livro e home-vídeo, que foi seu primeiro trabalho solo.

Ao adentrar no mundo poético de Arnaldo Antunes nota-se que o músico, poeta e performer transforma a palavra no eixo estrutural que norteia seu trabalho. A palavra nesse caso ganha forma, autonomia, torna-se o objeto como é o caso do livro/disco/home-vídeo *NOME*. O autor busca harmonizar as informações do poema entre a música, artes visuais, **vídeo**, caligrafia, e todos os outros recursos manuais e tecnológicos da contemporaneidade que possa expressar melhor a mensagem apresentadas em seus textos.

algo é o nome do homem
coisa é o nome do homem
homem é o nome do cara
isso é o nome da coisa
cara é o nome do rosto
fome é o nome do moço
homem é o nome do troço
osso é o nome do fóssil
corpo é o nome do morto
homem é o nome do outro
(ANTUNES, 2010)

A proposta feita por Arnaldo Antunes no poema traz uma inquietação do que não se sabe definir, “Homem” nesse caso é o desconhecido que se busca nomear incansavelmente. Pode-se notar que a palavra Nome se encontra no poema de forma espiralada formando um movimento cíclico em torno da palavra “homem,” a falta de pontuação sugere um ciclo que não se encerra, as coisas dão nome ao homem e homem dão nome as coisas e assim sucessivamente. No entanto a presença marcada da palavra “nome” em todos os versos deixa claro que: quanto mais se busca por uma significação de “homem” mais se distancia dessa significação em sua essência, pois “**homem**” na concepção do poema pode ser qualquer coisa, ou algo indecifrável.

Outro fato que leva a ideia de inferiorização do “ser” enquanto significação, é o fato do autor iniciar cada verso com letra minúscula, considerando que objetos não iniciam palavras com letras maiúsculas.

algo é o nome do homem

A ideia proposta aqui, é que homem sai do seu campo puramente humano, para tomar forma de objeto no qual não se pode decifrar o que é. O pronome indefinido (**algo**) é posto estrategicamente no começo do poema para supor que “homem” é algo que não tem definição, por mais que nos próximos versos essa busca pelo nome continue.

coisa é o nome do homem

Mais uma vez o autor reforça a ideia de objeto, coisa aqui pode ser entendido como bens ou propriedades, isso quer dizer que o nome do homem se resume a bens materiais ou determinada função que exerce, o homem é o que ele tem “a coisa”.

homem é o nome do cara

Cara pode ser visto em três sentidos, pode ser cara de aparência ou cara como pessoa, em seu terceiro sentido pode ser “O cara” pessoa que tem uma relevância para a sociedade, em sentido mais amplo, que possui ousadia.

isso é o nome da coisa

“isso” e “coisa” reforçam a ideia de desimportância que o ser humano tem para sociedade. Na verdade o significado do homem no “mundo social” é a “coisa ou função que exerce”. Isso esta relacionado com a utilidade que tal pessoa possa ter no âmbito social. Há uma necessidade de se nomear o ser em detrimento do que a sociedade julga “ ter prestígio ou funcionalidade” .

cara é o nome do rosto

fome é o nome do moço

O Poema comprova o processo de objetificação da condição humana e denuncia a irrelevância que o “ser” possui perante a sociedade, pois **cara, rosto, moço** representam essa falta de identidade do homem. Fome é posta como uma crise existencial, no qual o lugar do homem no mundo não tem importância.

homem é o nome do troço

O verso traz um alto nível de desprezo, uma vez, que troço é algo desagradável, o qual não há conveniência em se nomear, pois é algo insignificante.

osso é o nome do fóssil

corpo é o nome do morto

Os dois versos nos mostram o quanto o homem esta esvaziado de significação, e o grau de aniquilação e degradação que o ser humano chegou.

Homem é o nome do outro

Por fim, na incessante busca por uma significação o poema acaba por nomear o **homem** como o **outro**. Assim como Arnaldo utiliza o pronome indefinido para começar o poema, ele também fecha o ultimo verso com outro pronome indefinido, neste caso nota-se que, **outro** é o diferente, ao qual não se identifica não se sabe quem ou o que é.

Poema X música

Arnaldo recria a poema nome através dos sons trazendo uma carga semântica ainda mais forte ás palavras. Os signos linguísticos que antes tinham um significado no poema escrito, agora musicado trazem novas percepções ao ouvinte. Arnaldo Antunes faz uma combinação de sons com o ritmo da voz, marcando as palavras que são mais expressivas que simulam a busca pela significação do **homem**. Em relação a essa expressividade da voz, Alfredo Bosi (1977. p, 48) afirma:

[...] a leitura expressiva das palavras poderá ressaltar com vigor as conotações que as penetram; e dar ao sujeito que as profere a sensação de um acordo profundo, um autêntico acorde vivido que fundiria o som do signo e a impressão do objeto. (BOSI 1977. p, 48)

Os tons mais altos da voz mesclados com um tom mais alto da guitarra e da bateria chamam a atenção do ouvinte/receptor para as palavras que buscam uma nomeação do “homem” e ao mesmo tempo esvaziam o significado de “homem”. No decorrer da música exatamente três vezes há umas explosões em torno da palavra homem, dando uma ideia de tiros, que nos leva a crer que seja a morte do “ser”. A maneira em que a música é gritada nota-se que há uma indignação em torno dessa ideia do homem vazio de significações. O primeiro verso do poema/canção “*algo é o nome do homem*” surgem varias vozes, sinalizando a confusão em torno da palavra “homem”, neste caso não há como decifrar o que é realmente o “homem”.

Percepções audiovisuais

Dentre as três formas de veiculação, o vídeo é a que se mostra mais completa, pois sintetiza a ideia do poema, por unir a música e a grafia em movimento que leva o leitor/receptor a leituras diferentes, logo, a múltiplas e subjetivas interpretações. No vídeo a representação gráfica somada à representação sonora provoca uma serie de percepções e sensações em quem ouve e vê o movimento das cores.

De inicio palavras aparecem se sobrepondo á imagem em preto e branco ao fundo do vídeo mimetizando como se fosse um amontoado de lixo, em meio a toda essa movimentação nota-se que as mesmas vão se diluindo e acabam por dar nitidez a imagem do lixo.

Medida que estabelecemos um contato com o vídeo, à visão que se tem de homem, é que o “ser humano” esta cada vez mais degradado. O objetivo é que o leitor/receptor perceba que essa é uma representação das relações que se constituem na sociedade. A forma que em as palavras vão se sobrepondo, a palavra “homem” a deixa quase que invisível em meio às outras, por estar propositalmente posta ali em branco junto a tantas outras muito coloridas.

Dessa forma a poesia antuniana consegue trazer uma experiência nova proposta pelo ritmo da canção/poema fazendo com que o leitor/receptor consiga agregar mais significações ao poema. Isso acontece porque ao ser veiculado em suportes diferentes, o objeto do texto verbal acaba por obter novas significações pois tem sua estrutura gráfica alterada para um campo totalmente diferente.

Considerações Finais

A partir dos estudos feitos acerca da poesia concreta, visto que o autor do poema o qual analisamos traz em suas produções artísticas marcas do concretismo, o presente artigo propôs um análise do poema Nome de Arnaldo Antunes, na perspectiva verbivocovisual (poema gráfico, música e vídeo) na busca de se compreender quais são as críticas que o autor traz no poema e quais processos ele utiliza para agregar mais significações no poema veiculado nas três mídias. Além de utilizar métodos concretos Antunes ainda busca agregar em suas poesias as varias mídias que vão surgindo. Isso torna sua poesia emergente e contemporânea, assim como se observou em seu projeto Nome onde ele utiliza de três mídias para trazer diferentes significações da palavra “homem.”.

Referências

AGUILLAR, Gonzalo. **Poesia Concreta Brasileira**: As vanguardas na Encruzilhada Modernista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CAMPOS, Augusto de. PIGNATARI, Décio. CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da Poesia Concreta**: textos críticos e manifestos 1950-1960. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

ANTUNES, Arnaldo. **Melhores poemas**: Arnaldo Antunes / Noemi Jaffe, (seleção e prefácio), São Paulo: Global, 2010.

JESUS, Sandra Aparecida De. **A poesia concreta e visual de Augusto Campos em ambiente virtual**. 2013. Disponível em < http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/2042014183751SANDRA_AP.pdf> Acesso em 12/05/2016.

MENEZES, Philadelpho. **Poética e visualidade**: Uma trajetória da poesia brasileira contemporânea. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1991.

MATOS, Claudia Neiva de. **Vanguardas Poéticas e tecnologias sonoras: poesia é risco**. Matraga, Rio de Janeiro, V.17, N.17, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.pglettras.uerj.br/matraga/matraga27/arqs/matraga27a07.pdf>> Acesso em 12/05/2016.

MODRO, Nielson Ribeiro. **Obra Poética de Arnaldo Antunes**. Universidade Federal do Paraná, 1996. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24379/D%20-%20MODRO,%20NIELSON%20RIBEIRO.pdf?sequence=1>> Acesso em: 12/05/2015.

FILGUEIRA, Jorge Normando dos Santos. **Isso é o Nome das Coisas? A Palavra-Canção em Arnaldo Antunes**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/19751/1/JorgeNormandoDosSantosFilgueira_TESE.pdf> Acesso em: 12/05/2015.